

U M I N É D I T O D E FIALHO D'ALMEIDA

É este escrito do planfetiário dos Gatos (há pouco encontrado entre um volume da sua livreria) uma página de grande interesse na evolução do seu espirito, certamente do número das suas primeiras tentativas. Sente-se-lhe na forma imprecisiva o domínio austero de Herculanio, e no tema socialista da época a estranha ressonância daqueles versos de Gomes Leal na Canalha:

*Eu vejo-a vir ao longe perseguida,
Como dum vento livido varrida,
Cheia de febre, rôta... muito além.*

Ingénuo ainda como é, deve ser do transe da sua adolescência, quando, praticante de farmácia, declamava Soares de Passos, ia nos domingos livres até o cemitério, e tímido como um pagem se enamorara a distância de uma loira miss a quem fazia versos; anterior também portanto aos primeiros anos

da Escola Médica, em que já figuraria no Martinho, colaborava em jornais de Viseu e Leiria, e Fortunato da Fonseca e Teixeira Gomes eram os companheiros de passeio pelos bairros velhos, e qual d'elles seu confidente, seu censor. Antes, já se deixa ver, dos artigos e contos inspirados no Ramalho Ortigão das Farpas, na Germinie Lacerteux dos Goncourt, — do romance Decadentes, feito à maneira do Primo Bazílio, que ficou inacabado no 39.º folhetim, do último número das Novidades, de Jaime Victor, em 31 de dezembro de 1879.

Assim, pois, se chega à conclusão de que até pelas alturas de 1876, aos dezanove annos, ainda Fialho de Almeida parecia estar muito longe, senão quasi de todo afastado, de vir a escrever aos vinte e um aquella Ruiva, elogiada por Camilo, e a História de dois patifes, que Eça de Queiroz saudou calorosamente. — X.

A FEIRA DAS ALMAS

No seio das sociedades mais cultas vive uma serie de creaturas indefeniveis por serem inclassificaveis e para quem os pensadores consagram as suas vigílias e os seus productos. Ellas vivem á sombra dos palacios, nos beccos, nas lojas nauseabundas dos predios humidos, empoeiradas nos andares ultimos das mansardas, entre um sobrado carcomido e um tecto esburacado. São irmãs gêmeas d'uma mãe que se chama a miseria e collaboram n'uma grande obra que se chama fermentação; formam a espuma verdeneira da grande procella social. Sentem-se refter continuamente, surdamente, lá dentro, no antro, soluçando e rindo, e por vêzes a sua oração se transforma em blasphemia, a sua crença em cynismo, a sua dôr em loucura. São brutaes na sua alegria, truanescos na sua seriedade, monstruosos no seu infortunio. As suas risadas lembram soluços, nos seus prantos há como um ganido que exaspera. É um mixto de creaturas miserandas que vae de quando em quando encher as valas dos cemiterios, os fossos das barricadas e se esquarterja nos amphiteatros anatomicos. Para ellas é uma ficção a ventura, uma madrasta a Providencia. Nasceram sob o influxo d'uma fatalidade tremenda, arrastam-se toda a vida no lameiro da infimidade e não lhes é dado beber a luz que aviventa nem viver essa vida do cerebro que alevanta até ás immortalidades da gloria. Teem no passado uma

légenda de sangue e de vergonha; no presente uma inercia enervadora, no futuro uma tarepha sinistra. O dia d'amanhã pertence-lhe, quando o arcanjo das rebeliões, desfraldar ao sopro das tempestades a sua bandeira de ruina, e das alturas do poder tombar o potentado, ainda hon-tem deus, d'essa mesma turba que tem de o estrangular no desespero de sua ignobil inconstancia. Caminharam na historia, assignalando rudemente as passadas em cada periodo, ergueram e deposeram reis, senadores, principes, lettrados. Foram ao mesmo tempo creadores e carrascos; morderam a mão que se estendia para lhe lançar a benção e de joelhos lamberam o cutelo que lhe havia de cortar a cabeça; teem sido injustos e cruentos, ora vis de humildade e de paciencia.

G. Saint. Hillaire disia bem d'esses miseros, pensando da sua ventura: pode sonhar-se este futuro, prevel-o nunca. É um grande corpo paralytico: Harvey não teria encontrado n'elle a circulação, mas encontraria a excepção ao seu principio immortal de organogenia. Que esse corpo não veio ex ovo; é uma geração expontanea, o trabalho de milhões de larvas conglobadas, a Babel das tribus malditas, uma especie de protesto arrojado á face de quanto existe de mais unico e mais bello, de mais sagrado e mais puro. Ellas desconhecem Ramsay e Fergusson, Burns e Jeanne Baillie; não amam as canções dulcissimas de Ioung e Glower, nem as balladas frias e languidas do suicida Chatterton, nunca sentiram as palpitações adoraveis que a poesia da natureza dá aos corações sentimentalistas. Wordsworth é para elles nada; Rogers um lunatico. Falta-lhes o coração, o sentimento, o pudor, a aurora do enthusiasmo: é uma noite perpetua a sua mocidade; na sua vida contorce-se uma luta cheia de allucinação e de impossivel. Não foi para elles que Chenier desenhou os seus typos populares palpitantemente esculpturados nas suas canções esplendidas, nem Ugo Foscolo alimentou esse amor ardente de liberdade para lhes abrir a porta a toda a serie de dissoluções e de impiedades.

O que é a poesia, a sociedade, o sentimentalismo nas boccas pustulentas d'esses esfrangalhados? Nem uma formula poetica, nem um symbolo do passado, nem uma prophecia do futuro. Ah! se Deus é grande, creador, eterno, pae, porque não risca elle do numero das suas creações esse punhado de bandidos, essa caterva de exalação de venenos, que infecta, que corrompe, que assassina!

Deus! Deus! — porque não és tu mais que uma promessa!...

FIALHO D'ALMEIDA.

